

DEUSES E SIMULACROS COMO REPRESENTAÇÕES PARA UMA REALIDADE IMAGINÁRIA

Carlos Reis

Universidade Fernando Pessoa & Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

DOI: 10.25768/21.04.01.013

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar, de modo sucinto, um panorama do espírito humano em suas relações com os deuses e seus simulacros, como representações de uma realidade idealizada ante um mundo real crivado de desafios, transformações e angústias. O deslocamento para essa realidade imaginária se faz através de metanarrativas soteriológicas justapostas no fluxo das experiências individuais cotidianas: crenças religiosas e não religiosas, ficções e fantasias e, no cerne desse estudo, as mediações demiúrgicas – gurus, médiums e astrólogos. A análise se fez transdisciplinar, um arco traçado pelas linhas da história, cultura, religião, imaginário e ciências sociais, demonstrando a artificialidade, a fragilidade, as fendas estruturais, a ilógica dos discursos e dos atores espirituais. Somam-se a estes fatores a necessidade de transcendência e contato com o Divino e o “oculto” por parte dos seguidores.

PALAVRAS-CHAVE: crença; cultura; religião; simulacro; espiritualidade.

GODS AND SIMULACRUM AS REPRESENTATIONS TO AN IMAGINARY REALITY

ABSTRACT: The purpose of this article is to present, in a succinct way, a global scenery of the human spirit in its relations with the gods and their simulacra as representations of an idealized reality before a real world of challenges, transformations and anxieties. The shift to this imaginary reality is through soteriological metanarratives juxtaposed in the flow of everyday individual experiences: religious and non-religious beliefs, fictions, fantasies and, at the heart of this study, demiurgical mediations – gurus, mediums and astrologers. The analysis was made through the transdisciplinary, woven by the threads of history, culture, religion, imaginary and social sciences, demonstrating artificiality, fragility, structural cracks, lack of logic of discourses and the lack of ethics and responsibility of the spiritual agents. Add to these factors, the need for transcendence and contact with the Divine and the “occult” on the part of the followers.

KEYWORDS: belief; culture; religion; simulacrum; spirituality.

© 2021, Carlos Reis.

© 2021, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra ca-

rece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Índice

1	Genealogia das ilusões	2
2	Mercadores da esperança	3
3	Indústria da ilusão	5
4	O lado de cá do “outro lado”	7
5	Confiança perversa no carcereiro	11
	Referências Bibliográficas	14

*Que época terrível esta,
onde idiotas dirigem cegos.*
Rei Lear, c. 1605
W. Shakespeare

1 Genealogia das ilusões

A O falarmos em “deuses”, o fazemos *lato sensu*, referindo a todas as deidades do panteão religioso e mitológico. Quanto a “simulacros”, o sentido é igualmente amplo, de entes supranaturais, como anjos, espíritos e elementais (seres da natureza), a uma vasta gama de pessoas, objetos e eventos – demiurgos, oráculos, profetas, mestres, hierofanias, epifanias, superstições e credices em geral. Demiurgo, do latim *demiurgus* – “Artífice do mundo à semelhança da realidade ideal”². Cabe ressaltar que simulacro refere-se a tudo o que remete à ideia de cópia malfeita, coisa artificial, imitação grosseira, arremedo, não sendo sinônimo de falsificação ou desonestidade. É imperativo trazer a interpretação baudrillardiana sobre o termo, para justificar seu uso aqui e alargar o entendimento, peça-chave no estudo. A sociedade contemporânea, pós-moderna, vive um período em que os símbolos são mais valorizados que a própria realidade, daí “simulacros” – reproduções precárias do real que, paradoxalmente, são mais atraentes e sedutoras que o objeto original. Já “representações”, em última análise, trata de crenças e subjetividades que se colocam no lugar do real, como entende Engel:

Em sentido lato, uma crença é certo estado mental que leva a dar seu assentimento a certa representação ou a trazer um julgamento cuja verdade objetiva não é garantida e que não é acompanhada de um sentimento subjetivo de certeza. Neste sentido, crença é sinônimo de opinião que não implica verdade daquilo no que se crê e opõe-se ao saber. Como as pessoas podem acreditar não apenas em coisas inacreditáveis, mas também em coisas que elas sabem serem tais? Por que preferem acreditar quando dispõem de meios para saber? (Engel, *in* Novaes, 2011:8).

Por sua parte, Durand vê o sujeito como um museu de imagens, produzidas e a produzir, que designa o conjunto das imagens elaboradas pelo animal *symbolicum*. “Museu” é como ele nomeia o colecionador de experiências em que se constitui o sujeito – um museu de representações e simbolismos. O anjo de face rosada da fantasia afaga o coração e conforta o espírito, enquanto a Quimera da realidade sangra os olhos e lacera a carne, porque é cruelmente mais verdadeira e convincente. Para evitar esse confronto sem se desligar totalmente da realidade mesma, o indivíduo recorta a parte que não lhe interessa, colocando outra em seu lugar – a *sua* realidade, simultânea, paralela, imaginária, idealizada, diluindo-a com tal vigor na sua vida prática a ponto de não mais separá-las. Estamos o tempo todo fazendo barganhas, arranjos, e uma dessas trocas é a da finitude, a morte pela vida: quanto mais eterna e próxima do divino, melhor, porque a morte passou a ser um “objeto real” que não pode ser substituído, negado ou ignorado. É o momento em que o demiurgo sobe ao palco como *personagem* central da cena ficcional, onde se costura um pacto para contornar o real indesejado, acordo certificado pela “autoridade” ainda que por uma gramá-

² Cf. Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. São Paulo. Martins Fontes, 1992:239.

tica desviante, farsesca. Todo demiurgo enquanto tal é um blefe, uma falácia, um cínico – do latim *cinicus*, fingido, dissimulado, ou *cinismus*, encenação, daí *arte cênica*. Ao invés de uma proparlada “religação com as dimensões superiores”, o que há é a clivagem do ser consigo próprio. Baudrillard é tão claro que se torna o eixo central por onde confluíram nossas principais reflexões:

Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias (Baudrillard, 1991:9).

O que temos no cadinho do estudo é um intrincado sistema sinérgico multifacetado de crenças biopsicosocioculturais de amplíssimo espectro – ocultismo, esoterismo, jogos oraculares, espiritismo, misticismo, religião, entre outras, todas com especificidades próprias ligadas por uma narrativa comum. Nossa lente focará nos gurus, astrólogos e *mediuns*, pontes entre os planos físico e divino, ou “espiritual”. Trata-se de uma abordagem à semelhança de uma tapeçaria persa, tal a sua riqueza e complexidade. O conjunto das questões não permite uma análise simplista nem simplificadora, e o desafio posto é como sintetizar o exame.

De um ponto de vista empírico, estamos falando, num primeiro momento, de *crença*, que é, em si mesma, uma ilusão, do latim *illusio*, *illudere*, da raiz *ludus*, jogo, engano, burla, fábula, fantasia, podendo derivar para alucinação, devaneio, delírio; e ainda eludir – escapar, desviar, fugir com destreza. Ilusionar, em espanhol, adquire sentido de “suscitar a alegre esperança de algo desejável”. Crença e/ou ilusão conduz, num segundo momento, à sedução, ao imaginário e aos mecanismos

psíquicos de *narcisismo* e autopreservação. A sedução faz parte da vida manifesta – a imagosfera; ela pertence ao imaginário individual, realçando as condutas sociais individuais e coletivas. As figuras de sedução *preenchem um vazio imediato* e constroem, através do imaginário, *a sensação interior de pertencimento no mundo*, um dado de extrema relevância dentro de toda a temática e um dos pilares desse estudo. A sedução provocada pelo objeto tem o componente “mágico”. É um mundo onde os referentes estão volativizados, um mundo encantado que funciona como o pano negro da verdade. “No momento mesmo em que o princípio de realidade *psíquica* se confunde com o de realidade *psicanalítica*, o inconsciente se tranforma num modelo de simulação” (Baudrillard, 2008:9). Sedução, do latim *seducere*, *seductio* – separar, por à parte, apartar do caminho, enganar através de um jogo de aparências. Toda sedução contém fluidos de magia, magia essa que só terá efeito se o “seduzido” estiver inserido na malha social – a rede simbólica a qual pertence. Dito de outro modo, a crença na magia só ocorre quando a magia é eficaz. Sobre isso, Nöth observa que “A magia pura é caracterizada pela confiança imperturbável da comunidade, que pratica a magia, na eficiência real do ato mágico no mundo” (Nöth, 1996:32).

Por fim, destacamos o pensamento de Bauman sobre o problema da ilusão e, principalmente, da sedução. O sociólogo polonês constata que a sociedade pós-moderna, ou sociedade líquida, “É orientada pela sedução, por necessidades sempre crescentes e por querereres voláteis” (Bauman, 2001:90). Iludidos pelas crenças, seduzidos pelos oráculos, a chance de obliterar a razão e se tornar dócil presa do demiurgo é total.

2 Mercadores da esperança

Nosso ponto de partida fala ao “guru”, líder espiritual, professor, mestre, venerado pelos discípulos e devotos, dotado de “profunda sabedoria filosófica”. Na Índia, que concentra o maior número de líderes espirituais *per capita*,

a roda da fortuna movimentam um poderoso e milionário império de centenas de milhões de dólares anuais. O *Ashram* (moradia do guru) normalmente ocupa uma área com centenas de hectares; a comunidade conta com escolas, hospitais, comércios, emissoras de comunicação. A onda e o mercado da transcendência alcançaram o auge entre as décadas de 1960 e 1980 com o surgimento da contracultura, da *New Age*, filosofias orientais, *hippies*, consciência ecológica e meio ambiente, *deuses astronautas*, movimentos milenaristas e correntes religiosas neopagãs. Foi nesse caldeirão esotérico que se forjaram os primeiros ícones da espiritualidade contemporânea ocidental e que viraram celebridades instantâneas, como Rajneesh, Sai Baba, Ravi Shankar e Maharishi Mahesh Yogi, para ficar nos mais conhecidos.

Esses avatares (do sânscrito *avatāra*, descendente, na tradição hindu) são as manifestações corpóreas de um ser imortal, encarnação do divino, chamados “Sua Santidade”, emanando sentimentos de pureza, infalibilidade e elevação moral. Exortam o “Eu Maior” e o “Caminho do coração”, gerando um contingente colossal de adeptos por dezenas de países. Magnani, que estuda e acompanha há anos a atuação desses veneráveis, relata:

Só se sustentam com base num público consumidor sem capacidade de discriminação e por isso mesmo sujeito ao fascínio das soluções rápidas – a possibilidade de alguma experiência espiritual indizível depois de umas poucas sessões de meditação, ou a tão sonhada harmonia interior após o encontro, sem maiores sobressaltos, com o “eu mais profundo” (Magnani, 1999:102).

O sociólogo Dipankar Gupta, que há muito acompanha a trajetória dos gurus, acen-tua que opulência exibicionista não combina com o suposto caráter espiritual e despoja-

mento material desejado dos mestres.³ Entre as várias escolas místicas do hinduísmo, há o *Bhakti*, que significa “Amor a uma divindade”. Para alguns autores, trata-se de um caminho de libertação da vida material imperfeita, através da obtenção de um estado de comunhão com uma suposta realidade última, que é personificada em uma deidade ou em um *Iṣṭa* (guru). O que Goleman fala é importante: “A essência do *Bhakti* é fazer do objeto de devoção o pensamento central da pessoa” (Goleman, 1997:63). Para o Sufismo, o sofrimento do homem decorre por ser escravo de condicionamentos, profundamente “adormecido por um pesadelo de desejos insatisfeitos” (*id, ib*:80). Um dado relevante que reitera o conceito de simulacro é que a grande maioria apresenta um figurino peculiar de forte apelo imagético, simbólico e psicológico, que prefigura uma aura de “sacralidade”: comportamento, gestual, aparência, roupas, tudo planejado em minúcias por uma eficiente assessoria de marketing, compondo uma liturgia cênica para impactar e criar uma “atmosfera crística” envolvente.

Todavia, com tamanho poder, não surpreende que com frequência surjam indícios de fraudes financeiras, sonegação, evasão de divisas, denúncias de assédio ou abuso sexual e outros ilícitos. Nessa linha, o cientista social Gad Saad ressalta:

Os “mercadores de esperança” são excepcionalmente bem-sucedidos porque atendem a nossas inseguranças fundamentais baseadas no darwinismo. A religião nos concede “imortalidade”, os curandeiros médicos “resolvem” provações de saúde intratáveis e os gurus da autoajuda nos oferecem “prescrições”

³ Dipankar Gupta. “Gurus indianos movimentam indústria milionária.” www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110829_religiao_india_rrrc. Acessado em 06/11/2018.

para todos os desafios inimagináveis da vida.⁴

Saad e o sociólogo Gupta afirmam que uma das razões da crescente influência desses “negociadores de esperança” é que eles preenchem o vazio deixado pelas instituições, ao oferecer assistência social, educação e atendimento médico à população, carente ou não. A Nova Era, muito mais adjetivo que substantivo, mostra a emergência de uma cultura religiosa errante, porosa, espetacularizada e efêmera, sem marcos doutrinários rígidos; padece de uma linguagem teológica, expurgando o sagrado do seu território, esvaziando-o de sua substância. Tudo é de uma religiosidade caleidoscópica, um sincretismo heterodoxo. A formação de um líder espiritual genuíno não se faz com uma dúzia de livros ou imersões esporádicas nas tradições e escolas espirituais. Há uma longa jornada pela frente, que começa desde cedo na infância com as primeiras instruções discipulares sob rígidas normas educacionais, até a idade adulta, com um novo ciclo de aprendizado. Para finalizar este bloco e compreender um pouco sobre a formação de um líder, citamos Oliveira:

O *brahmacharya* trata-se de uma ordem (*ashrama*) que representa misticamente os pés do demiurgo e da sociedade no hinduísmo clássico, constituída por estudantes das camadas superiores, celibatários e castos, entre a faixa etária média de 5 a 25 anos. Nessa fase da vida, a continência e a obediência absoluta são seus pilares. Leva-se uma vida *shramana* (ascética) e faz-se voto de pobreza e castidade, o qual pode se estender até o final de sua vida.⁵

O exposto nesta primeira parte pretende evidenciar que “guru”, via de regra, é um ator caricatural, contrário ao que se espera de um líder autêntico – um *brahman* –, que leva uma vida inteira para alcançar esse estado e, o que importa, essencialmente, é orientar, confortar e mitigar o sofrimento do próximo. Na verdade, o que se vê na prática é um melancólico cenário de falsa espiritualidade, discurso falacioso e deletério.

3 Indústria da ilusão

A segunda análise é a dos ofícios oraculares, práticas ou jogos divinatórios, dos quais a astrologia é de longe o mais difundido, com sua estrutura moldada nas doutrinas religiosas e filosóficas desde a antiguidade. Mantém-se graças à crença popular e pela cultura de massa. Em outras palavras, de modo sumário, ela “prediz” certos fatos na vida do indivíduo e o “descreve” de maneira inteiramente subjetiva, sem qualquer suporte lógico ou científico, confiando apenas no entendimento que o astrólogo tem dos dados disponíveis no “mapa astral”, estejam ou não corretos. A expressão “jogo divinatório” não é pejorativa: Jogo – do latim clássico *ludus* – diversão, lazer, entretenimento, recreação; *ludus* tem a mesma raiz de *iludere* – ilusão; divinatório – do latim *divinae, divinatorium* – predição, vaticínio, atributo exclusivo dos deuses. “Profetização do futuro com base na ordem necessária do mundo”.⁶ Portanto, estamos falando de um “jogo de ilusões”, e neste caso, todo praticante de astrologia é um adivinho, um demiurgo em contato com os “planos superiores”.

Do ponto de vista formal, a Astrologia apresenta falhas fundamentais incontornáveis na base, a começar pelos objetos que apontam possíveis funcionalidades na vida humana, os

⁴ Gad Saad, *The Consuming Instinct: What juicy burgers, Ferraris, pornography and gift giving reveals about human nature*. Prometheus Books, 2011. Disponível em www.psychologytoday.com/us/blog/homo-consumericus/2014/10/new-age-gurus-dispensers-nonsense. [Consultado em 06/11/2018].

⁵ Cf. Arilson Oliveira. “*Brahmacharya*: a vida escolar hinduísta na Índia Antiga.” *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, vol. 4 nº 8 Dez 2012:151-171.

⁶ C. Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*. São Paulo. Martins Fontes, 1992:17-18.

planetas, o Sol e a Lua. No âmbito da cronologia, é correto dividi-la em dois períodos: O primeiro estaria submetido ao calendário Juliano a partir do século I a.C., e o segundo entraria em vigor no século XVI, mais precisamente em 1582, pela bula *Inter gravissimas* promulgada pelo Papa Gregório XIII. Outra questão que parece não incomodar os astrólogos: Os astros desobertos ao longo dos séculos foram incorporados ao estudo astrológico com quais critérios? Quem ou o que determina as características correspondentes aos indivíduos? Sabe-se, por exemplo, que Urano foi descoberto em 1781 à época da Revolução Francesa e, por essa razão, segundo alguns estudiosos, é considerado um planeta “revolucionário” nas análises astrológicas mais recentes. Se Urano, Netuno e Plutão eram invisíveis a olho nu, como as cartas eram interpretadas *antes* das suas descobertas? Do ponto de vista puramente científico, admirar o céu e imaginar animais e figuras num alinhamento aleatório de estrelas, criar signos para esta figura e dela *determinar perfis de personalidade* não tem nenhuma legitimidade ou lógica. Ou seja, a Astrologia se inscreve numa dimensão imaginária desbordada do real, como resquício do pensamento mágico dos antigos, uma “superstição de segunda”, nas palavras de Adorno:

Pode-se objetar que a leitura organizada do destino tem, desde tempos imemoriais, o caráter de uma “superstição secundária”. Ela está, há milhares de anos, separada de qualquer coisa que pudesse ser chamada de experiência primária por uma divisão de trabalho segundo a qual só os sacerdotes podem ter acesso aos mistérios esotéricos e, portanto, sempre carregou o elemento de falsificação expresso no velho dito latino de que um adivinho ri quando vê outro adivinho (Adorno, 2008:34).

A Astrologia carrega um aspecto transcendente, oculto, mas não como comumente se pensa. Há neste ponto uma estreita li-

gação com sua matriz Astronomia. O interesse pelo tema mantém-se vivo face às incertezas do mundo, no qual procura-se encontrar alternativas para um futuro que se desenha sempre nebuloso. É inegável que olhar o firmamento produz um estado extático indizível desde sempre. A magnitude do universo e a profusão de corpos fulgurantes dá a exata dimensão da nossa pequenez. Entra em ação a compulsiva necessidade de estar em comunhão com esse cosmo, com o “alto”, o “inatingível”. O encanto que a astrologia exerce reforça o fato de o indivíduo ser, por um lado, mero brinquedo, e por outro, partícipe de instâncias sociais que vão para além dele, uma correspondência entre o universal e o individual, dando-lhe – ao sujeito – a sensação de pertencimento no mundo e o resgate, ou a preservação, de sua individualidade e a *busca de uma identidade*, desfigurada pelo desencantamento do mundo pós-moderno. Além disso, é também uma forma de se manter ligado aos simbolismos míticos ancestrais por excelência através dos “signos” que, por habitarem a abóbada celeste, são interpretados e nominados como deuses: Marte, Júpiter, Netuno, Urano.... Se o indivíduo não entende a linguagem dos deuses/signos, o astrólogo supre essa falta, aproximando-os e *correspondendo-os*, de modo que, de um lado, exerçam a *regência* da vida desse indivíduo, e de outro, que este se sinta *integrado* nessa relação.

Jung já demonstrava certa preocupação com a insegurança e o “medo da própria sombra” que afligia o homem ocidental e que o fazia crer em uma força exógena superior e inalcançável:

Para sustentar esta sua crença, no entanto, o homem contemporâneo paga o preço de uma incrível falta de introspecção. Não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e toda a sua eficiência, continua possuído por “forças” fora do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm, apenas, novos no-

mes. E o conservam em contato íntimo com a inquietude, com apreensões vagas, com complicações psicológicas, com uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses (Jung, 1987:87).

Feito este sumário da astrologia, voltemos para o astrólogo. Na verdade, todo aquele que se coloca nessa função assume um *statu* singular na estética dessa relação interpessoal, o que acaba estabelecendo um inequívoco laço afetivo que nutre o tônus da dielética. O jogo divinatório abarca um leque de práticas como runas, búzios, tarô, números, mãos e outras menos usuais, de credibilidade duvidosa, que flerta com a magia: aeromancia, cafeomancia, mântica, piromancia.

O encontro com o demiurgo representa, simbolicamente, a união com o inefável, o transcendente, o casamento do indivíduo com o Totalmente Outro, que o coloca numa condição única de integralidade, como se nunca tivesse havido essa desunião. Cria-se, assim, um tensionamento simbólico-diabólico – que separa (grego *diaballein*) e une (*syballein*) ao mesmo tempo – a junção e a disjunção dos antípodas: o sagrado e o profano, imaginal e real, acima e abaixo, eternidade e impermanência. O encontro é um momento acrônico, e a menção ao alto é óbvia – infinito e transcendente. Otto designa todas essas experiências como *numinosas* (do latim *numen*, “deus”) porque elas são provocadas pela revelação de um aspecto do poder divino. “O Céu é, por excelência, o *ganz andere* – o totalmente diferente – diante do qual o homem e seu meio ambiente pouco representam”. (Eliade, 1992:60). O “Alto” é o trono das deidades inacessível ao homem; o espaço sideral adquire o prestígio do “inatingível”, da realidade absoluta, da eternidade. O sagrado pertence ao plano dos potentados divinos, acima da dimensão e da compreensão dos homens. É nesse estado que o ser se vê envolvido pelo

“sentimento oceânico” (Freud) de integração com o cosmo.

Fechamos este segundo bloco entendendo que a presença do astrólogo na vida pública representa mais um retrocesso que um avanço na busca do conhecimento de si mesmo. O sujeito só se torna um ser histórico quando atribui a si o controle de sua vida, sem delegar poderes a outrem. Não há signo que o torne mais vitorioso do que assinar seu próprio roteiro; não há “trânsitos planetários” que o faça progredir, mas a disciplina e o estudo; não há sinastria que o deixe mais feliz nas relações pessoais que uma postura madura e consciente. A peça astrológica enraizada no passado, no tempo dos sacerdotes e da deificação dos elementos naturais ficou anacrônica e primária, sendo o astrólogo uma figura folclórica dispensável no mundo de hoje.

4 O lado de cá do “outro lado”

Este terceiro e último bloco é, sem dúvida, o mais delicado, porquanto não se limita apenas aos espíritos, médiuns e eventos paranormais, mas aos mortos, *nostros* mortos, entes queridos que se foram e que, segundo os espíritas, manifestam-se “do além” com mensagens, aparições e escritos. O eixo é *reencarnação e vida após a morte*. Adentramos em um campo minado onde certos temas, pela nossa experiência, violam a ética e a responsabilidade, como “terapia de vidas passadas” e “regressão hipnótica”. Outras ocorrências não necessariamente ligadas aos espíritos merecem atenção: telecinesia, psicografia, psicopictografia, incorporação. O espiritismo deixa entrever claramente sintomas egoicos, narcísicos e um sutil apelo à necromancia.

Historicamente, o Espiritismo, como doutrina, teve início na França em meados do século 19, com o educador francês Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, ao estabelecer os fundamentos gerais da corrente espírita. Simultaneamente, ocorriam outros eventos “assombrosos” nos Estados Unidos e na Europa, que acabaram fortalecendo a crença na “vida *post mortem*”.

Com Kardec, o espiritismo passou a ser visto como uma doutrina filosófico-religiosa por defender a ideia da divisão corpo-alma iniciada por Platão e depois Descartes, e porque apresenta – e se apoia inteiramente nisso – o mesmo arcabouço conceitual de quase todas as religiões, notadamente a católica.

A exemplo das análises anteriores, a Doutrina Espírita, Espiritismo ou Kardecismo, apoia-se exclusivamente na fé dos seguidores e simpatizantes, não havendo, nas supostas manifestações e no corpo doutrinal, qualquer fundamento cientificamente comprovado que por si só lhe dê autenticidade. Kardec era herdeiro das propostas iluministas e tentou conciliar fé e razão ao interpretar antigos temas metafísicos com base em pressupostos concretos, conforme era o pensamento vigente na época. O que ele pretendia era reinterpretar as velhas crenças espiritualistas sob as lentes da ciência. Entretanto, Kardec não era médium e não psicografou nenhuma obra como querem fazer crer os espíritas; elas foram escritas em conjunto com um grupo de colaboradores. Não havia correção de textos feitas pelos “espíritos superiores”, era o grupo que ajustava e editava o conteúdo, conforme conveniências e interesses, assim como era conveniente que esse grupo se mantivesse incógnito. Por si só esse fato já coloca graves suspeitas sobre a validade do trabalho de Kardec, da doutrina de modo geral e mesmo dos fenômenos sobrenaturais supostamente ligados a ela.

O que se convencionou chamar de sobrenatural, maravilhoso ou fantástico revela, na realidade, atos de fé. Ninguém procura explicá-los. Eles são recebidos como uma mensagem na qual se lê toda a onipotência e as marcas da intervenção de Deus, ou

de deuses, em nosso mundo (Del Priore, 2014:4).

É oportuno atentar para o que diz Freud especificamente sobre a questão espírita:

Se todas as provas apresentadas em favor da credibilidade das proposições religiosas provêm do passado, é natural verificar se o presente, que pode ser julgado com mais acerto, também pode oferecer tais provas. Se, dessa forma, se conseguisse colocar a salvo de dúvidas mesmo que apenas uma única parte do sistema religioso, o todo ganharia extraordinariamente em credibilidade. É aqui que entra a atividade dos espíritas, que estão persuadidos da continuidade da alma individual e que pretendem nos demonstrar que essa proposição da doutrina religiosa é isenta de dúvidas. Infelizmente, não conseguem refutar o fato de as aparições e as manifestações de seus espíritos serem apenas produtos de sua própria atividade psíquica (Freud, 2010:48).

Como se pode depreender, o padrão se repete, ponto fulcral de toda a discussão proposta aqui: imortalidade da alma versus transitoriedade do ser – infinitude interrompida. No caso do espiritismo isso é mais forte em função da ligação emocional e cultural com o indivíduo. As doutrinas religiosas, todas elas, assim como o espiritismo, se sustentam no *credo quia absurdum*⁷, fugindo às reivindicações da razão por se julgarem acima dela. Freud contesta: “Não há instância alguma acima da razão. Se a verdade das doutrinas religiosas depende de uma vivência interior que

⁷ Tertuliano (c.160 - c. 220), teólogo romano, um dos primeiros autores cristãos, apologetico do cristianismo. A frase não se encontra em nenhuma obra sua, mas é atribuída a ele, e seu significado não é apenas "creio embora seja absurdo", mas "creio porque é absurdo", fazendo frente às heresias gnósticas: "Sem hesitações contrapomos aos adúlteros da nossa doutrina o argumento prelimi-

nar da prescrição, em nome do qual proclamamos como única regra de verdade aquela que nos foi transmitida por Cristo mediante seus apóstolos, das quais é fácil constatar o quão tardios são estes discursos contestadores". (Cf. Giovanni Reale & Dario Antiseri, *História da Filosofia Patrística e Escolástica*. Paulus, 2005:78).

a ateste, o que fazer com as muitas pessoas que não têm semelhante vivência rara?” (*Id, ibid.*).

Ao procurarmos entender o que é “espírito” recorrendo à etimologia, deparamos com a mesma definição de *psique*. De forma resumida: Espírito, do verbo latino *spirare*, do grego *pneuma* – sopro, alento, aquilo que vivifica, intelecto – em geral o significado predominante na filosofia moderna e contemporânea, bem como na linguagem comum. Psique, do grego *psychē* – sopro, inspiração (*in spirare*), consciência, mente, alma da vida, alento. Isso nos faz deduzir sem muito esforço que, independente da interpretação que se dê, espírito, na essência, nada mais é que a própria consciência.

De modo geral, a base da reencarnação fala de espíritos aguardando em “outro plano” o momento de retornar ao mundo dos vivos para seguir em sua escala evolutiva. Mas se espírito é consciência, várias perguntas afloram: Que matéria é essa que fica pairando “em outra dimensão” indefinidamente para voltar a *esta* dimensão? Corpo sutil? Perispírito? Corpo astral? Nada faz sentido ou lógica. *Credo quia absurdum*.⁸ As teorias espíritas não têm consistência, não têm explicações, não têm onde se apegar a não ser na *meta-narrativa de fundo essencialmente emocional*. O Espiritismo não é uma doutrina, é só uma ideia.

Um fato é inegável: preferimos pagar mais por uma ilusão que menos pela verdade. A demanda é pela fé, não pela verdade. A crença na vida eterna ou no “além” evita o sofrimento de encarar a morte. Como o sujeito não tem controle sobre sua vida, ele se ilude o tempo todo negando a realidade trágica do fim, propondo um “pacto de sobrevivência” com o imponderável – os espíritos, o outro lado, a reencarnação, os astros. Ou com as ficções, as fantasias, devaneios e delírios, com o puro imaginário. Com os simulacros, enfim. A travessia existencial é uma longa, penosa e silenciosa

agonia que atormenta e acorrenta esse melancólico Prometeu fragmentado.

Os defensores da tese reencarnacionista repousam sua argumentação em episódios esporádicos incomprováveis: a criança que toca piano como Beethoven, o jovem que fala outro idioma sem aprendizado prévio, o jardineiro que se põe a pintar telas assinadas por Monet, alguém que tem vívidas lembranças de lugares que nunca visitou, ou aquela senhora que adora tulipas porque lhe disseram que em vida pregressa cultivava tulipas nos campos da Holanda. Jung talvez esclareça algo através da sua Psicologia:

[570] Se lançarmos um olhar para o passado da humanidade, encontraremos, entre muitas outras convicções religiosas, uma crença universal na existência de seres aeriformes ou etéreos que habitam em volta do homem e exercem sobre ele uma influência invisível, mas poderosa. Em geral esta crença é acompanhada da ideia de que estes seres são espíritos ou almas de pessoas mortas. Esta crença se encontra tanto entre os povos altamente civilizados como entre os aborígenes australianos que ainda vivem na Idade da Pedra. Mas entre os povos civilizados do Ocidente, a crença nos espíritos tem sido combatida há mais de um século pelo Racionalismo e Iluminismo científico, e reprimida em um grande número de pessoas cultas, juntamente com outras crenças metafísicas (Jung, 2000:18).

Jung era profundo estudioso das religiões e mitologias, importantes para a sua clínica do inconsciente, e tinha interesse por xamanismo, pajelança, folclore, ocultismo e práticas divinatórias, pela riqueza de simbolismos e conteúdos arquetípicos, procurando captar a dinâmica psíquica de cada uma; apesar da re-

⁸ Acredito por ser absurdo.

verência às diversas correntes, seu olhar crítico era implacável. Depois de passar anos investigando todos os aspectos sobre a reencarnação com o devido apuro, admitiu que jamais poderia endossar a sua realidade. Em outra obra, ele amplia seu exame:

O problema do carma, assim como o da reencarnação ou da metempsicose, ficaram obscuros para mim. Assinalo com respeito a profissão de fé indiana em favor da reencarnação e, olhando em torno, no campo de minha experiência, pergunto a mim mesmo se em algum lugar, e como, terá ocorrido algum fato que possa legitimamente evocar a reencarnação (Jung, 1986:68).

Jung discorre longamente sobre o problema espírita com muita propriedade, e há um ponto em seu escrito que chama a atenção: *quando e como se deu o início da reencarnação? Ela sempre existiu? É preciso recorrer à ciência, única via possível e segura para tentar encontrar uma resposta, e a arqueologia pode ajudar, recuando alguns milhares de anos na história da evolução humana, quando éramos todos primatas *australopithecus* em mutação para a classe *homo* – *neanderthal*, *erectus* em um período aproximado de três milhões de anos. Primatas, estúpidos, sem qualquer vestígio de autoconsciência e reflexões metafísicas. A reencarnação jamais poderia ocorrer naquelas circunstâncias. Jung acredita que mudamos muito pouco:*

O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, ele tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos. Para o primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder - para ele - a um aconteci-

mento anímico, isto é, o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem (Jung, 2000b:172).

O que ele está dizendo é que vemos o mundo sob um olhar eminentemente simbólico, porque os símbolos são *constructos* humanos como a arte, a religião, a linguagem, baseados em nossa experiência e no modo como elaboramos esse mundo. Cassirer definia o homem como *homo symbolicum* e não *rationale*. O símbolo é uma forma de estruturar e harmonizar as relações do indivíduo com o mundo, mesmo sendo uma relação conflituosa, turbulenta, explosiva e complexa, mas a única possível. Ian Stevenson, um dos mais importantes nomes na pesquisa da reencarnação, apesar de empregar metodologia científica por muitos anos em busca de respostas, nunca conseguiu comprovar a sua realidade. Os casos estudados apenas sugeriam o fenômeno. Stevenson tinha em seu acervo casos de xenoglossia manifesta em sonhos e em vigília, marcas de nascença ou peculiaridades que pareciam estar relacionadas a vidas passadas, mas que nunca puderam ser comprovadas. Mesmo com farto material, não havia nenhuma evidência que pudesse atestar a realidade da reencarnação. A crença na reencarnação, nos espíritos, na vida eterna ou no *post mortem* faz parte do cipoal metafísico no qual o homem se agarra para não ser tragado pelo charco movediço da excruciante caminhada no tempo. Guénon levanta outra questão: “Se a teoria espírita já é bastante inexacta no que diz respeito à constituição do homem durante a vida, ela é inteiramente falsa quando se trata do estado deste homem após a morte” (Guénon, 2018:13). Uma crença prova apenas a existência do “fenômeno da crença”, mas não prova, em absoluto, a realidade de seu conteúdo.

Para encerrar, uma breve discussão sobre um tópico no mínimo incoerente do próprio espiritismo: Carma – palavra trazida das religiões hinduístas, do sânscrito *Karma* – ação,

ato criador. No budismo, é entendido como destino ou lei espiritual, a força geradora das ações do indivíduo com *consequências éticas* que determinam a próxima encarnação. Temos, portanto, inquestionavelmente, um “regulador” externo dos atos humanos, ou seja, mais uma vez o homem não age de acordo com a *sua* consciência, o seu caráter, a sua essência, mas por regras morais ditadas *de fora para dentro*; ele “faz o bem” não por iniciativa própria, convicção íntima, mas por interesse de ganhos futuros – a certeza da bem-aventurança, a esperança de uma reencarnação virtuosa. O carma retira toda a autonomia do sujeito, deixando-o totalmente dependente de uma *instância externa inexistente*. Jung nos aproxima de uma explicação bem mais plausível para a questão cármica (itálico original):

[210] *A crença nos espíritos*, difundida universalmente, é expressão direta da *estrutura* do inconsciente, *determinada pelos complexos*. Os complexos, com efeito, constituem as verdadeiras *unidades vivas da psique inconsciente*, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles. O inconsciente, de fato, nada mais seria do que uma sobrevivência de representações esmaecidas e “obscuras”, como na psicologia de Wundt, ou a *fringe of consciousness*, como o denomina William James, se não existissem complexos. Freud foi o verdadeiro descobridor do inconsciente psicológico, porque pesquisou esses pontos obscuros, em vez de os colocar de lado, classificando-os eufemisticamente como meros atos falhos. *A via regia* que nos leva ao inconsciente, entretanto, não são os sonhos, como ele pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas. Mesmo assim, essa via quase nada tem de régia, visto que o caminho indicado pelos complexos assemelha-se mais a um ata-

lho áspero e sinuoso que frequentemente se perde num bosque cerrado e, muitas vezes, em lugar de nos conduzir ao âmago do inconsciente, passa ao largo dele (Jung, 2000:25).

small[600] (...) Estou, realmente, convencido de que se trata de exteriorizações. Observei, repetidamente, os efeitos telepáticos de complexos inconscientes, e também uma série de fenômenos parapsicológicos. Mas não posso ver em tudo isto uma prova da existência de espíritos reais; e até que surja uma prova irrefutável, devemos considerar o domínio destes fenômenos como um capítulo à parte da Psicologia (*Id*:126).

5 Confiança perversa no carcereiro

Acreditamos ter ficado claro que o desiderato deste trabalho é questionar a presença do demiurgo – clérigo, ministro, ayattolah, pastor, rabino, mulá, curandeiro, xamã, mago, vidente, guru, astrólogo, médium – e a desrazão de existir. Isto porque o arcabouço da fundamentação doutrinária é inconsistente, frágil, falho, falso, só se sustentando na fé depositada pelo objeto de seu investimento – o indivíduo, um corpo em degenerescência psíquica e espiritual. Fragilizado, sem norte, ancora-se no mediador sem o menor apuro crítico e apreensão da realidade, adotando-o como porto seguro para sua transcendência, último bastião a prover a desejada espiritualidade. Gurus, astrólogos, médiuns e todos os demais são personagens fictícios, no sentido de serem enganosos, pontes ilusórias do divino. Sua intervenção para o crescimento do indivíduo é um logro e só perdura porque esse mesmo indivíduo ainda não percebeu o quanto é capaz de exercer sua autonomia, liberdade e independência. É a confiança perversa no carcereiro, ou muleta metafísica. Fica patente que a degenerescência psíquica e espiritual é recíproca.

Parece claro também que o repertório semiótico desse “balcão da salvação” revela a impostura intelectual e espiritual marginal à ética, à moral e à responsabilidade, que caracteriza, inclusive e principalmente, um agir egoico por falta de caráter ao buscar exclusivamente vantagens pessoais. Nossos “traços de caráter” são pequenas neuroses que refletem a maneira como reagimos ao problema da vida e da morte, da existência consciente. Somos heterônomos vivendo à sombra de um auto-engano, mentindo para nós mesmos, obedientes a um protetorado imaginário. Eis a outra ponta do arco desta análise: A heteronomia nos empurra diretamente para os braços acolhedores dos agentes demiúrgicos em busca de proteção divina, a “certeza” da continuidade da vida e do “retorno” a ela, e de um suposto crescimento instilado por interventores externos e crenças paridas do pensamento mágico ancestral. A angústia por essa ausência de significado é característica ontológica da existência humana.

Angústia é uma nuvem negra que paira sobre todas as coisas diante do nada iminente: “A angústia nos suspende porque ela põe em fuga o ente em sua totalidade. Nisto consiste o fato de nós próprios – homens que somos – refugiarmo-nos no seio dos entes” (Heidegger, 1969:70). Não só é muito difícil admitir como doloroso, um trauma, um choque, reconsiderar conceitos condicionadores e combater os demônios loucos e cegos aquartelados nas fendas da alma. Ao tomar consciência deste fato inexorável, o intelecto fraqueja, mente para si mesmo, ilude-se, o que é chamado por Becker de *mentira caracterológica*.

Dessas necessidades surgiram as variadas formas da magia, arte praticada em todas as páginas da história humana. Quiromancia, astrologia, cartas, adivinhação em geral eram praticadas pelos sacerdotes oraculares e representavam a forma mais geral da antiga magia. Estes áugures tinham um papel preponderante na vida pública, e seus prognósticos podiam alterar as próprias leis. Keith Thomas não crê

no desaparecimento da magia, dependendo de como se olha a questão:

O certo a respeito das várias crenças discutidas neste livro é que hoje em dia elas ou desapareceram ou, pelo menos, tiveram seu prestígio seriamente abalado. Por isso é bem mais fácil isolá-las e analisá-las. No entanto, isto não significa que sejam intrinsecamente menos merecedoras de respeito que algumas das crenças que conservamos até hoje. Se definirmos a magia como o emprego de técnicas ineficazes para afastar a ansiedade quando as eficazes não estão à mão, então teremos que reconhecer que nenhuma sociedade estará jamais livre dela (Thomas, 1991:544).

Não sendo senhor de si nem o *übermensch* nietzschiano, o homem torna-se um resignado joguete do outro. A artéria principal por onde correm crenças, paixões e *esperanças* está no olhar inescapável sobre a finitude. Presa fácil, refém, escravo – antagonias da liberdade. Em troca, queremos segurança. No fundo, é tudo uma questão de crença – mística, metafísica, mágica – que ainda persevera no contemporâneo. Não importa o conhecimento quando a demanda é por crença. Pior, é o “mercado da fé” sobrepujando a ética. Crença é um ato de fé de origem inconsciente, que força a aderir em bloco a uma ideia, uma opinião, uma explicação ou uma doutrina, onde jaz o reino dos sonhos e das *esperanças* – o pote de barro à sombra do arco-íris –, no qual razão nenhuma tem influência. Esperança é a matéria-prima para o demiurgo seduzir e encantar. Só a consciência autônoma, *madura* e responsável tem a capacidade de refletir sobre suas escolhas e se mover pela razão e pelo saber.

Compreendemos como o homem primitivo tem necessidade de um deus como criador do universo, como chefe de seu clã, como protetor pessoal. (...) Um homem

dos dias posteriores, dos nossos próprios dias, comporta-se da mesma maneira. Também ele permanece infantil e tem necessidade de proteção; inclusive quando adulto; pensa que não pode passar sem o apoio de seu deus (Freud, 2006:4810).

Ao se reduzir tudo a uma questão de fé, reduz-se perigosamente o pensamento a uma realidade de fachada, palimpsesta, tão ou mais solúvel quanto o próprio mundo nela contido. Ao mergulhar no contexto imaginário levando a sério um mundo possível, *tudo* será possível.

A nossa geografia imaginária é infinitamente mais vasta do que a do mundo material. Como os habitantes angélicos cujas hierarquias os nossos antepassados debatiam, como o unicórnio e a manticora, os lugares imaginários da mente não carecem de materialidade para existir na consciência. A Utopia e o País das Maravilhas, o Castelo de Kafka e o Reino do Eldorado estão sempre presentes, embora nenhum atlas oficial mostre a sua verdadeira localização (Manguel e Guadalupi, 2013:12).

Todo processo imaginário ou se origina de lendas antiquíssimas que se perdem na noite dos tempos ou seriam invenções modernas, criando fluxos de crenças e realidades ilusórias. Para Freud, seria fácil aceitar as coisas desse modo, porque o argumento repousa numa premissa otimista e idealista. Contudo, para ele, nosso intelecto se perde com facilidade, pois *é muito mais fácil acreditar naquilo que vem ao encontro de nossas ilusões carregadas de desejo*.

Há uma batalha interna invisível, titânica e tirânica, consumindo toneladas de energia psíquica para que suas estruturas não deixem vir à consciência a visão do fim, numa espécie de negociação permanente com o inconsciente para que ele deixe a consciência fora desse conflito. Nessa linha, Ortega y Gasset vê a condição humana como a de um náufrago:

Homem de mente lúcida é aquele que se liberta dessas “ideias” fantasmagóricas e olha de frente a vida, e se convence de que tudo nela é problemático, e se sente perdido. Como isso é a pura verdade – a saber, que viver é sentir-se perdido –, quem o aceita já começou a encontrar-se, já começou a descobrir sua autêntica realidade, já está no firme. Instintivamente, como o náufrago, buscará algo para se agarrar, e esse olhar trágico, preempório, absolutamente veraz porque se trata de salvar-se, lhe facultará pôr ordem no caos de sua vida. Estas são as únicas ideias verdadeiras; as ideias dos náufragos. O resto é retórica, postura, íntima farsa. Quem não se sente de verdade perdido perde-se inexoravelmente; é dizer, não se encontra jamais, não topa nunca com a própria realidade (Ortega y Gasset, 2013:148).

Assim, chegamos à conclusão, diríamos uma revelação perturbadora: O que destroça o indivíduo, o que pereniza a sua angústia é o silêncio na solidão, a falta de perspectiva, o vazio exterior e interior que não se preenche. A questão da angústia constitui um ponto no qual convergem os mais diversos e importantes problemas, e um enigma cuja solução irá projetar intensa luz sobre toda a vida psíquica. Então, caminhamos todos, claudicantes, assustados, em estado letárgico-alienante rumo ao nada profundo. Não somos capazes de imaginar o mundo futuro se não for com tintas distópicas, por isso nos empenhamos em fugir dele por todas as rotas possíveis. Não somos capazes de dialogar com o outro porque cuidamos mais de ouvir apenas o nosso monólogo lamuriento e miserável, consequência de uma hipervalorização do Eu e de um “sentimentalismo tóxico” (Dalrymple).

Estamos imersos nos medos mais inconfessáveis e na fragilidade de uma experiência efêmera. Busca-se, com desmedida obsessão e sem os necessários filtros críticos, a *keno-*

sis humana – ocupar o espaço interior com o divino, o transcendente, o sagrado, uma espiritualidade industrializada ou *qualquer outra coisa que esteja além da compreensão*, como instância de pertencimento no mundo que valide o ser. “Viver é muito raro, a maioria de nós apenas existe”, sentencia Oscar Wilde. Entregar as decisões da própria trajetória a quem quer que seja – gurus, oráculos, deuses ou demiurgos – só interessa a gurus, oráculos, deuses e demiugos. Terceirizar a vida é uma forma apequenada de viver. Eis a síntese das reflexões que pautaram este trabalho: o sujeito urde uma tessitura de desejos, carências e *esperanças* que são signos de representações para um mundo que se recusa a enfrentar. O demiurgo é o simulacro, e a crença se constroi nessa realidade imaginária. Aquele que se põe de joelhos desconhece a própria estatura.

Referências Bibliográficas

- Adorno, T. (2008). *As Estrelas Descem à Terra*. Ed. Unesp.
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Relógio D'Água.
- Baudrillard, J. (2008). *Da sedução*. Papyrus.
- Bauman, Z. (2011). *Modernidade Líquida*. Zahar.
- Becker, E. (2008). *A Negação da Morte*. Record.
- Cassirer, E. (1994). *Ensaio sobre o Homem. Uma introdução a uma filosofia da cultura*. Martins Fontes.
- Dalrymple, T. (2015). *Podres de Mimados. É Realizações*.
- Dalrymple, T. (2016). *Qualquer Coisa Serve. É Realizações*.
- Del Priore, M. (2014). *Do Outro Lado. A história do sobrenatural e do espiritismo*. Planeta.
- Durand, G. (2002). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Martins Fontes.
- Eliade, M. (1992). *O Sagrado e o Profano*. Martins Fontes.
- Freud, S. (2006). Moisés e o Monoteísmo. Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. *Obras completas*, vol. XXIII. Imago.
- Freud, S. (2010). *O Futuro de uma Ilusão*. LP&M.
- Freud, S. (2013). *Totem e Tabu*. LP&M.
- Freud, S. (1986). Conferências introdutórias sobre psicanálise, conferência XXV. *Obras completas*, vol. 16. Imago.
- Goleman, D. (1997). *A Mente Meditativa: as diferentes experiências meditativas no Oriente e no Ocidente*. Ática.
- Guénon, R. (2008). *O Erro Espírita*. RGET.
- Heidegger, M. (1969). *Que é Metafísica?*. Duas Cidades.
- Jung, C. (1986). *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Nova Fronteira.
- Jung, C. (1987). *O Homem e seus Símbolos*. Nova Fronteira.
- Jung, C. (2000). *A Natureza da Psique*. Vozes.
- Jung, C. (2000b). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Vozes.
- Magnani, J. (1999). *Mystica Urbe*. Nobel.
- Manguel, A., & Guadalupi, G. (2003). *Dicionário de Lugares Imaginários*. Tinta da China.
- Nöth, W. (1996). Semiótica da Magia. *Revista USP*, 3, 30-41.
- Novaes, A. (Org.) (2011). *Mutações: A invenção das Crenças*. SESC.
- Ortega y Gasset, J. (2013). *A Rebelião das Massas*. Ruriak Ink.
- Thomas, K. (1999). *Religião e o Declínio da Magia*. Companhia das Letras.